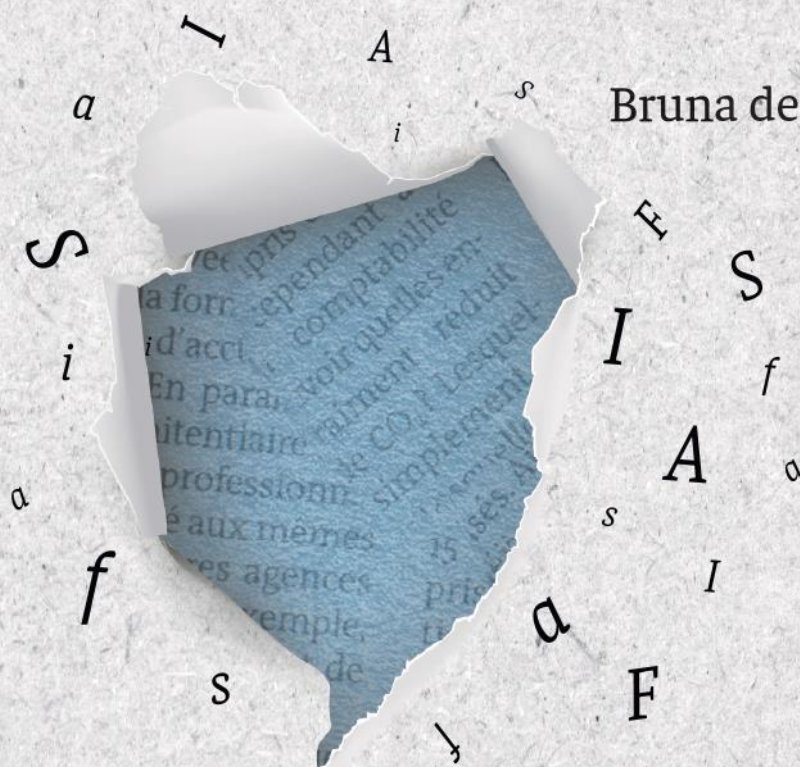


Memória e Linguagem

*estudos
interdisciplinares*

Silvana Silva
Bruna de Oliveira Bortolini
(Organizadoras)



Editora Fundação Fênix

Este livro é resultado do Grupo de Pesquisa Escrita e Sociedade em Perspectiva Enunciativa (registrado no CNPq em 2020), liderado pelas professoras Silvana Silva (UFRGS), Célia Della Méa (UFSM) e Márcia Boabaid (UFSM) e que congrega estudantes e pesquisadores de diversas instituições do RS. Os encontros, realizados durante o período do confinamento da pandemia Covid-19, centraram-se no estudo das relações entre memória e linguagem em torno da obra do linguista Émile Benveniste e do filósofo Walter Benjamin. Esperamos que o leitor encontre nesse livro mais o testemunho de reflexões conjuntas entre Filosofia e Linguística, Psicanálise e Filosofia e entre Escrita Criativa e Literatura a que demos o subtítulo de ‘estudos interdisciplinares’.

Das organizadoras:

Silvana Silva (UFRGS) - Doutora em Linguística

Bruna de Oliveira Bortolini (UPF) - Doutora em Filosofia



Editora Fundação Fênix



Silvana Silva
Bruna de Oliveira Bortolini
Organizadoras

**Memória e linguagem
estudos interdisciplinares**



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2023

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Concepção da Capa:

Imagem:

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Humanidades e Interdisciplinaridade – 12

Catálogo na Fonte

M533 Memória e linguagem [recurso eletrônico] : estudos interdisciplinares /
Silvana Silva, Bruna de Oliveira Bortolini Organizadoras. – Porto
Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023.
227 p. (Série Humanidades e Interdisciplinaridade ; 12)

Disponível em: <<http://www.fundarfenix.com.br>>

ISBN 978-65-5460-029-3

DOI <https://doi.org/10.36592/9786554600293>

1. Linguagem. 2. Escrita. 3. Memória. 4. Linguística. 5.
Filosofia. I. Silva, Silvana (org.). II. Bortolini, Bruna de Oliveira
(org.).

CDD: 418.007

Responsável pela catalogação: Lidiane Corrêa Souza Morschel CRB10/1721

Capítulo 6

Experiência de linguagem: uma reflexão sobre novas formas de se relacionar na pandemia



<https://doi.org/10.36592/9786554600293-06>

Silvana Silva

Chega-se assim a esta constatação de que o único tempo inerente à língua – surpreendente à primeira vista mas profundamente de acordo com a natureza real da linguagem – é o presente axial do discurso, e que este presente é implícito.

(Benveniste, E. *A linguagem e a experiência humana*, p. 76)

É já bem conhecida a leitura, no meio linguístico, de que o “presente” é o tempo linguístico por excelência, eixo do discurso. Também é bem conhecido o argumento de Émile Benveniste de que a muitas línguas faltam formas linguísticas de futuro e mesmo algumas formas mais elaboradas de passado, mas que todas têm a forma verbal presente e algumas formas de passado e que esse fato linguístico corroboraria sua afirmação de que é o exercício da língua, o discurso, o único eixo “real” da língua e, assim, fato que pode ser expandido à linguagem. Acreditamos que, mesmo ao linguista que não conhece o texto “A linguagem e a experiência humana”, esse argumento pode ser considerado razoável.

Nesse ensaio, pretendemos deslocar o olhar do linguista para a própria ideia de “experiência” ou “experiência humana”, conceito muito mais conhecido da filosofia e até certo ponto “estranho” ao linguista. Enfrentaremos tal estranhamento, que consideramos legítimo, uma vez que tal palavra aparece no título do texto de Benveniste e também é problematizada em seus manuscritos, como nos esclarece Fenoglio (2016). Outro fato relevante a comentar é que o referido texto de Benveniste foi publicado originalmente na *Revue Diògene*, que é uma revista internacional de ciências humanas (e não simplesmente uma revista de linguística).

No entanto, antes de adentrar o universo benvenistiano, faremos uma breve incursão sobre o conceito de "experiência" na filosofia. Para tal, nos valeremos da filosofia de Walter Benjamin, em especial do texto "Experiência e pobreza" (1933). Também nos valeremos dos comentários e reflexões da filósofa Bruna Bortolini na obra "Walter Benjamin e a categoria de experiência" (2020). Com tal incursão, pretendemos lançar pontes entre essas duas áreas, linguística e filosofia, que já andaram mais juntas em outras épocas da história ocidental, certamente aquelas em que a linguística não reivindicava "autonomia" e, nas palavras de Aurox (1998, p. 372), não vivíamos o período contemporâneo da "indústria da língua".

Segundo Barberousse (1999), o conceito de experiência atravessa a história da filosofia, estando presente em filósofos de diversos períodos históricos, como Aristóteles, Bacon, Galileu, Locke, Kant, Leibniz e Wittgenstein. Uma das primeiras afirmações de sua obra já pode nos provocar diversas interrogações:

É cômodo representar os diferentes aspectos da vida mental em três eixos, a saber, a ação, a experiência e o pensamento. Os outros componentes da vida mental humana, como a crença, o conhecimento da linguagem, a vontade, a escolha, os sentimentos, a imaginação, e outras ainda, serão situadas nesse espaço segundo sua proximidade aos diferentes eixos. Assim, o conhecimento da linguagem, por exemplo, seria situado na proximidade do pensamento¹.

Com tal descrição, observamos de saída a ausência de um filósofo como Walter Benjamin na referida obra. Do ponto de vista filosófico, entendemos que essa ausência se deu porque Benjamin considera a experiência fora da ideia de "experimento científico", considerando inclusive saberes populares da sociedade pré-capitalista. Já do ponto de vista linguístico, entendemos que, se houve na história das ideias aquilo que mesmo os filósofos reconheceram como o "*linguistic turn*" (virada linguística) no final do século XIX, é porque a linguagem se encontrou, finalmente, associada tanto aos eixos do *pensamento* quanto da *experiência* e da *ação*. E essa visada abrangente vemos em toda sua magnitude na noção de *discurso*,

¹ Barberousse, 1998, p. 11.

na obra do linguista sírio-francês Émile Benveniste. Do mesmo modo, visualizamos tal perspectiva na noção de *narrativa*, na obra de W. Benjamin. A fim de delinear os cruzamentos de perspectivas, faremos uma leitura pelo texto “Experiência e pobreza” de Walter Benjamin; em seguida, faremos uma leitura de “Linguagem e experiência humana” de Émile Benveniste, para, por fim, apesar da heterogeneidade textual que os dois textos carregam, tecer paralelos a partir de conceitos “associados” que estão *implícitos* ao dizer dos dois teóricos.

Benjamin e o desencanto com a Guerra: experiência não é pobreza, experiência é transmitir sem violência

Ingaia Ciência

A madureza, essa terrível prenda
Que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,
Todo sabor gratuito da oferenda
Sob a glacialidade de uma oferenda

A madureza vê, posto que a venda
interrompa a surpresa da janela,
o círculo vazio, onde se estenda,
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,
se destroem no sonho da existência.

(Carlos Drummond de Andrade. *Claro enigma*)

É difícil abordar o texto de Benjamin sem referir sua densidade, seu comprometimento histórico e sua riqueza de referências culturais. Cada frase parece iluminar e abrir mil caminhos. Assim, é com essa perspectiva caleidoscópica que

pretendemos entrar no texto benjaminiano. Focalizaremos tanto na ideia de "narrativa" como na ideia (perdida) de "narrativa como legado da ancestralidade". Assim, na confluência entre uma forma linguística – em vias de desaparecimento – e as referências culturais e históricas que a circundam, e que também estão em extinção, é que demonstraremos o "desencanto" benjaminiano com a Modernidade e os avanços tecnológicos que a "experiência" científica nos legou. Tal desencanto flagramos igualmente nos poetas, dentre os quais destacamos Carlos Drummond de Andrade, em epígrafe, que, no poema acima, revela os dissabores da maturidade, esta que na cultura antiga era responsável por repassar os saberes da comunidade.

Entremos então no texto benjaminiano, "Experiência e Pobreza" (1933). O primeiro parágrafo já mostra a desilusão do filósofo: "Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? [...]. Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará lidar com a juventude invocando sua experiência?" Tal desilusão não se dá tanto quanto a "ter" ou não experiência, mas a um saber específico "saber contar histórias". Imediatamente, dois problemas surgem daí: o saber narrativo e a escuta da juventude. Mas, afinal, o que aconteceu com ela?

Em seguida, Benjamin faz uma distinção entre "experiências da história" (a Primeira Guerra Mundial) e "experiências comunicáveis", já que "se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha". É esse aspecto de irrepresentabilidade que mostra o que as "novas" experiências do século XX podem ter de mais nefasto: a dor e a humilhação são tão grandes que não podem ser transmitidas, comunicadas, faladas. No terceiro parágrafo, talvez o mais denso e mais irônico do texto, Benjamin contrasta e atrela a "miséria cultural", advinda da proliferação da técnica e da ciência, à miséria do "pequeno-burguês", que tal qual um 'mendigo da Idade Média' fica embasbacado e fascinado com as ofertas de tantos discursos e técnicas que não sabe decidir como integrá-las à sua vida. Não podemos deixar de pensar aqui na obra "Cem Anos de Solidão" (1967), de Garcia Marquez, em especial no personagem José Arcadio Buendia que fica fascinado com os truques de circo e as poções miraculosas do cigano Melquíades, quando chega em sua terra, Macondo. Deixando-se seduzir por esses truques, deixa de dar atenção à família e

se põe a “inventar” artefatos. A “guerra” não apenas atinge os soldados, mas se transfere para a invasão de “produtos” e “mercadorias” vindas do estrangeiro.

A essa dupla desilusão secular, Benjamin acrescenta uma terceira: a da própria classe dos cientistas, que seriam virtualmente os detentores do conhecimento. “Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa. A essa estirpe de construtores pertenceu Descartes, que baseou sua filosofia numa única certeza – penso, logo existo – e dela partiu. Também Einstein foi um construtor assim, que subitamente perdeu o interesse por todo o universo da física, exceto por um único problema – uma pequena discrepância entre as equações de Newton.” O comentário a Einstein é particularmente interessante, pois mostra que a ciência andar junto com a técnica, e esta pode adquirir contornos mesquinhos ao circunscrever seu trabalho a “pequenas” peças desajustadas na maquinaria do conhecimento e não na relação ética entre saber e fazer, entre um motivo de fazer e uma necessidade de talvez nada fazer, legado que só a “madureza” a que o poeta alude é capaz de compreender. O jovem, nesse sentido benjaminiano, é aquele que se deixa maravilhar pelas “novidades” do mundo sem pô-las em perspectiva a partir dos valores de sua família ou de valores de sua comunidade. O visualismo imediato do instagram, o consumismo desenfreado, o abuso das cirurgias plásticas e toda quinquilharia que nos oferece o Shoppee e outras plataformas de compras estão aí para mostrar que adentramos o século XXI com novas “experiências de história” e poucas experiências dignas de serem narradas.

A pobreza a que Benjamin alude no título retorna no fim do texto: *a pobreza das nomeações dos filhos* (“também os russos dão a seus filhos nomes como Outubro, aludindo à Revolução, ou Pjatiletka, aludindo ao Plano Quinquenal”), que nos remete a uma forte desumanização do homem e sua história, tal como no Romance *Mayombe* (2019), de Pepetela, em que os combatentes da libertação de Angola são renomeados com nomes de combate, e, por fim, a pobreza dos ambientes, a *cultura de vidro*² (“O novo ambiente de vidro mudará completamente os homens”). Sim, como alerta o filósofo Baumann (2009), a moderna cultura dos

² O itálico é de Benjamin. Para uma reflexão específica sobre esse tópico, indicamos ao leitor o belo capítulo “A estética do vidro e a despersonalização dos indivíduos” de Bortolini (2020).

condomínios acirra a separação entre a vida pública e a privada, dando a falsa impressão de que seus nobres cidadãos não precisam das praças públicas e nem se defrontar com a pobreza dos que habitam suas sarjetas.

Após essa leitura, fica claro o quanto o desencanto do ensaísta ganha razão de ser. A perda do poder da “palavra”, da “vida da comunidade”, do “provérbio oportuno”, das “histórias que só serão plenamente conhecidas com a experiência” nos conduziu ao século de uma ciência dos pequenos e mirabolantes engenhos ao ambiente de vidro, aos nomes sem ancestralidade e aos cientistas sem imaginação e sonho. Como nos diz Bortolini (2020, p. 94-5), a linguagem para Benjamin “deve ter algo em comum, isto é, ser expressão *na* língua e não *através* dela. (...) a língua é expressão imediata daquilo que se comunica ‘dentro’ dela e diferente de concepções usuais, a língua de Benjamin não é apenas uma ferramenta para comunicação de conteúdos”. A língua não tem a natureza do vidro, quer dizer,

sua crueza, frieza e indiferença: a língua tem sua própria natureza. Veremos, a seguir, o quanto essa concepção não instrumental da língua pode ser encontrada no linguista Benveniste.

Por fim, podemos dizer o quanto a experiência em Benjamin se aproxima dos três eixos mencionados por Barberousse (1998): é em si *experiência*, isto é, vida vivida pelos mais velhos, é *pensamento*, pois conforma seu estilo de vida, é *ação*, pois só se perpetua na tarefa ancestral de ser transmitida aos mais jovens.

Benveniste e a experiência da linguagem no e pelo discurso: para haver distanciamento subjetivo é preciso operar a(na) língua e fazer "história"

Contemplação no banco, II
 Nalgum lugar faz-se esse homem...
 Contra a vontade dos pais ele nasce,
 Contra a astúcia da Medicina ele cresce,
 E ama, contra a amargura da política...
 Não lhe convém o débil nome de filho,
 Pois só a nós mesmos podemos gerar,
 E essa nega, sorrindo a escura fonte
 Irmão lhe chamaria, mas irmão
 Por que, se a vida nova
 se nutre de outros sais, que não sabemos?
 (*Claro enigma*, Carlos Drummond de Andrade)

O texto "A linguagem e a experiência humana" contém mais filosofia que certos linguistas admitiriam. Ainda assim é talvez o estilo especulativo do texto que contém o seu maior valor: o de questionar a inefável noção de "tempo". E, para Benveniste, a experiência humana se dá não apenas *no* tempo, mas *com* o tempo e *a partir* dele: é o tempo linguístico. Os homens, as línguas, inventam seus próprios tempos, tal como o homem do poema drummondiano inventa e nasce a si mesmo. Como sabemos, a questão da "origem" da linguagem foi questão fortemente rechaçada pela linguística moderna: não há que se perguntar pela nossa origem, questão quimérica, mas sim o que fazemos com nosso tempo – *presente*.

Antes de adentrar na noção de tempo linguístico, foco da discussão da "experiência humana" em Benveniste, é necessário trazer uma questão: onde encontramos, afinal, no texto benvenistiano, a definição de "experiência" ou mesmo de "experiência humana" que está no título? Em estudo de Fenoglio (2019) sobre os manuscritos, encontramos uma nota de origem "indeterminada", porém anexada junto aos Papéis Orientais encontrados na Biblioteca Nacional de França que se

referem explicitamente ao texto "A linguagem e a experiência humana"³, a qual apresenta o título "Mon article" (Meu artigo) e, em seguida, uma definição de experiência, que muito nos chamou atenção. Para fins de leitura, apresentaremos a tradução do texto, tal como proposta por Flores et. al. Vejamos: "experiência que significa/ que corresponde aparentemente/ a uma necessidade/ou função natural/e que independente de/qualquer determinação cultural. Definida/pelo enfrentamento da/realidade pelo/sujeito, sua inserção/no real" (Fenoglio, 2019, p. 136).

Achamos estranho que tal definição tenha sido elidida do texto publicado, já que Benveniste nela reforça o argumento de que há distinção entre o *tempo das línguas* (determinação cultural) e o *tempo da linguagem* (o presente intrínseco, por vezes, implícito do discurso). Outro aspecto muito interessante dessa definição também está na segunda frase da definição, a qual coloca, a nosso ver, a problemática da experiência junto à da referência, fato que será ressaltado fortemente no texto "O aparelho formal da enunciação", um dos artigos mais prestigiados do linguista. A experiência, para Benveniste, estaria então na "ponta" da relação entre subjetividade e realidade, ou, nos termos de Barberousse (1998), entre pensamento e ação. Tal definição corrobora nossa hipótese central de que os conceitos de experiência em Benjamin e Benveniste podem ser comparáveis.

Feita essa discussão preliminar, adentremos o texto de Benveniste. Nos deteremos nas páginas finais, onde o autor justamente apresenta a noção de *presente linguístico* como característica da linguagem: não podemos deixar de assinalar que o faz sempre num raciocínio "dialético", para usar seus próprios termos, ao contrapô-lo ao tempo das e nas línguas. É nessa visão dialética – não lógica – que se realiza a "magia" da comunicação: "Algo singular, muito simples e infinitamente importante se produz realizando algo que parecia logicamente impossível: a temporalidade que é minha quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu 'hoje' se converte em seu 'hoje', ainda que ele não o tenha instaurado em seu próprio discurso" (Benveniste, 1989, p.

³ Nas páginas 131 a 135, Fenoglio (2019) apresenta três Notas dos Papéis Orientais, número 46, fólio 496; número 46, fólio 498 e número 46, fólio 496, que são atribuídas aos Manuscritos de "A linguagem e a experiência humana". Fenoglio (2019, p. 131) chegara a afirmar antes que a página 501, onde está a definição de experiência, também faz parte desses manuscritos.

77). Vemos que a temporalidade do presente da fala instaura uma transmissibilidade – quiçá aquela que Benjamin já lamenta como utópica – que se dá no “enfrentamento da realidade pelo sujeito”, para retomar a definição deletada do texto publicado. A experiência da linguagem se dá na passagem da subjetividade para a construção da referência e da realidade com o outro. A ideia de “conversão” é relevante de destacar⁴.

No desdobramento da definição de *tempo linguístico* e do *presente* como eixo da fala do discurso, Benveniste trata das operações necessárias para o “distanciamento subjetivo” necessário na escrita e conseqüentemente na história. Vejamos:

Específico, o tempo linguístico o é ainda de uma outra maneira. Ele comporá suas próprias divisões em sua própria ordem este e aquelas independentes das do tempo crônico. [...]. Mas, separemos “hoje” do discurso que o contém, coloquemo-lo em um texto escrito; “hoje” não é mais falado e percebido, ele não pode mais enviar o leitor a algum dia do tempo crônico, pois que não se identifica com nenhuma data. [...]. Quando, por razões pragmáticas, o locutor deve transportar sua visão temporal para lá dos limites enunciados por “ontem” e “amanhã”, o discurso sai de seu plano próprio e utiliza a gradação “há oito dias”; “em três meses”. Entretanto, “há...” e “em...” permanecem como índices do distanciamento subjetivo; eles não podem passar para um relato histórico sem conversão: “há (oito dias)” torna-se “(oito dias) antes” e “em (três meses) torna-se “(três meses) depois”; “mais tarde”, como “hoje” deve tornar-se “naquele dia”. **Estes operadores** efetuam a transferência do tempo linguístico ao tempo crônico⁵.

O raciocínio dialético de Benveniste se desdobra da percepção de três tempos⁶ de conversão da enunciação falada até o relato histórico: do tempo

⁴ Oliveira (2021) considera que “conversão” é um termo em Benveniste, enfatizando sua presença em vários textos do linguista. Em alguns, há conversão sistema-discurso, já em outros há conversão fala-escrita.

⁵ Benveniste, 1989, p. 79, grifos nossos.

⁶ Segundo Flores (2013, p. 80), há em Benveniste um certo hegelianismo, isto é, “o ‘ir além esboçado por Benveniste, a um só tempo, nega, suprime, conserva e suspende a teoria de Ferdinand de Saussure, o que é compatível com a *aufhebung* hegeliana”. Nesse sentido, entendemos que o uso da

linguístico compartilhado imediatamente com o interlocutor, há um tempo "intermediário", e o do "distanciamento subjetivo", em que o sujeito se dá conta de que há uma opacidade, uma materialidade a dar conta, a da escrita. A esse movimento, o sujeito realiza, por fim, a operação final: a de produção do *relato histórico*, com o acréscimo de mais índices linguísticos. É possível dizer que a língua, e mais ainda, a experiência linguística, permite que o sujeito realize tais operações de forma mais ou menos sucedida. O problema assinalado por Benjamin do "apagamento da oralidade" gera, nessa perspectiva, um grave problema linguístico: como fazer uma transmissibilidade do "sentimento comum" entre locutor e interlocutor se a primeira operação (a da apropriação do tempo linguístico) se encontra ceifada na raiz? É talvez por isso que a "inundação" de imagens e produtos que recebemos diariamente no Whatsapp, nas malas diretas e nos "alertas" do Facebook perturbam tanto a nossa capacidade de escolha: de fato, atropelam nossa "sabedoria", nossa experiência humana mais primitiva de discernir o que é e pode ser "meu" e o que não é.

Um comentário final sobre a relação entre operadores e operações que lemos no longo trecho acima. A partir do raciocínio dialético exposto em toda a clareza do linguista, compreendemos que a "transmissão" de um saber, uma memória, uma experiência, enfim, só se torna problemática quando há "quebra" em algum elo dessa cadeia. Como nos "diz" Benjamin, nomear um filho a partir de guerras, revoluções ou mesmo a partir de um fato midiático contemporâneo só é lamentável se não estiver ligado diretamente à história da família. E esta história certamente não surgiu do "presente" de um fato "externo", mas do próprio "interior" da história familiar, com seu "presente" mais ou menos longínquo. Este horizonte, essa transmissibilidade de um "presente" de avô a filho, de filho a neto, é que "grandes fatos históricos traumatizantes"⁷ podem interromper. A grande "mola dialética" da intersubjetividade

palavra "conversão" tem um sentido bastante particular em Benveniste: não se trata das famosas díades saussurianas. Temos de fato operações dialéticas que, sutilmente, na língua e dentro do discurso movimentos de sentido que se afastam de uma 'primeira' posição original.

⁷ Não é foco desse capítulo, mas não podemos deixar de lembrar do trabalho do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) e sua teoria do desmentido para a formação de traumas no sujeito. Indicamos o trabalho de Kupperman (2019) para uma boa retomada dessa teoria, em especial o capítulo "O desmentido e as dimensões relacional e social do trauma".

é o que constitui a maior experiência humana: sua magia consiste em fazer do “meu” discurso ser o “teu”.

Quando as paralelas se cruzam: por uma narrativa que transmita pelo exemplo, por uma língua que relacione pela intersubjetividade

Uma questão que surge imediatamente é a seguinte: diante do desencanto benjaminiano com as formas culturais e literárias de seu (nosso) tempo, que formas literárias hoje poderiam nos salvar da completa alienação do “dom” da palavra? Bem, a psicanálise surge aí menos como um fato ou conhecimento revolucionário e mais como “sintoma”: sintoma de uma época que pouco fala, pouco escuta, pouco oferta amor, envolta em tecnologias, parafernálias e guerras de todos os tipos. Foi também a guerra que vivemos durante a pandemia do Covid-19 (guerra contra o vírus, guerra contra narrativas mentirosas, guerra contra as chamadas *fake news*).

Nesse período de reclusão o que salvou os que ainda puderam contar com o recurso da internet foram os “encontros virtuais”, sejam cursos, oficinas, grupos de estudos. Mais do que as “lives”, os encontros em que compartilhamos nossas angústias e esperanças foi o que em grande medida nos trouxe um pouco de “ar fresco” para nosso sufocamento como brasileiros. Destaco assim o Grupo de Pesquisa *Escrita e Enunciação*, registrado no Diretório do CNPq em 27 de outubro de 2020 e coordenado por mim e pelas professoras Célia Della Mía e Márcia Boabaid. Reunindo alunos e professores de várias universidades (UFSM, UFRGS, UPF, FURG, UNIPAMPA), teve encontros mensais sobre algum tema linguístico ou filosófico ligado à questão da memória e à linguagem. Este capítulo e este livro são o resultado desse grupo tão especial.

Entendemos assim que a pandemia mostrou a todos os que tiveram o privilégio do “*home office*” que o que salva o ser humano é a palavra, as trocas, os encontros⁸. Acredito que esse legado foi o mais precioso. Máscaras caíram, álcool

⁸ Em Silva (2019), apresentamos a concepção antropológica de uma leitura de Benveniste a partir de uma epistemologia do encontro. Acrescentamos ainda que a ideia de encontro não tem apenas valor heurístico, mas também conceitual, uma vez que a dialética proposta por Benveniste como constitutiva da experiência humana no artigo “A linguagem e a experiência humana”, ora em exame, depende sempre da operação fundamental do encontro, mais precisamente do diálogo eu-tu.

gel também quase não vê mais; ficou a lição de que juntos somos mais, somos humanos, falamos (e precisamos falar).

Considerações finais: a experiência de linguagem entre o implícito do dizer e o silencioso trabalho da língua

A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta
E a força que nunca seca/
Pra água que é tão pouca.
(*A força que nunca seca*, Chico César)

Ao chegar ao final desse breve passeio por dois textos de grandes autores, Benjamin e Benveniste, podemos concluir que, para além do pareamento de conceitos, da afinidade epistemológica que flagramos entre filósofo e linguista, suas respectivas reflexões nos conduziram a pensar nas formas de convivência durante o período de isolamento social da pandemia. Há em Benveniste e Benjamin uma “força que nunca seca”, como na pungente canção de Chico César, um dizer sutil e insistente, qual seja, para ter experiência, para ter valor, a fala precisa se ‘entortar’, fazer conversões, ser ‘operada’ pelo sujeito, sofrer o distanciamento subjetivo necessário, virar relato histórico. Só assim a fala se converte em discurso e este pode ser transmitido de novo, e de novo, e de novo. E, nesse contínuo e suspenso movimento, burilar e construir o “provérbio oportuno” – o saber que repousa no fundo da língua e demanda passar de geração a geração – a que alude Benjamin já no primeiro parágrafo de “Experiência e pobreza”.

Também foi dessa forma que conseguimos nos comunicar durante a pandemia: falas cortadas, vídeos pausados, internet oscilante, atrasos, links que não funcionam, mas sempre o desejo e a boa vontade de estar e falar com o outro. É claro, quando esse desejo foi maior do que a derrota diante do contingente.

Referências

- AUROUX, Sylvian. Cronologia da reflexão linguística. IN: __ *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998, p. 403- 447.
- BARBEROUSSE, Anouk. *L'expérience: textes choisis & présentés*. Paris: Flammarion, 1999.
- BAUMANN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. IN: __. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 68-80.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. IN: __. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Braziliense, 1985, p. 114-120.
- BORTOLINI, Bruna. *Walter Benjamin e a categoria de experiência (erfahrung)*. Passo Fundo, RS: Daniel Confortin, 2020.
- FENOGLIO, Irène. As notas de trabalho de Émile Benveniste: onde o pensamento teórico nasce via enunciação. IN: __. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Brasília: Editora da UnB, 2019, p. 116-151.
- FLORES, Valdir. Fundamentos saussurianos do pensamento benvenistiano. IN: __. *Introdução à teoria da enunciação de Émile Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 47-84.
- KUPERMANN, Daniel. O desmentido e as dimensões relacional e social do trauma. IN: __. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019, p. 55-88.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de Solidão*. São Paulo: Record, 1977.
- OLIVEIRA, Giovane Fernandes. O vir-a-ser escrevente: a criança entre as conversões sistema-discurso e fala-escrita na aquisição da escrita. *Cadernos de Linguística*. Abralín. Vol. 2, n. 4, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/523/585>
- PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: LeYa, 2019.
- SILVA, Silvana. Benveniste-Agamben: proposição de uma epistemologia do encontro. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, RS, vol. 23, n. 3. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/17491>